



Subculturas, um conceito em construção¹

Lydia Gomes de Barros²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O presente artigo faz uma revisão bibliográfica do conceito de subcultura para ressaltar a ambivalência dessas afiliações identitárias no contexto da globalização e a dificuldade de aplicação de uma teoria ‘pura’ na observação desses novos sujeitos sociais. Tem por objetivo enfatizar a necessidade de uma abordagem que considere tanto os condicionantes históricos-sociais que orientam as identidades subculturais em direção a um posicionamento anti-normativo ou, ao menos, distintivo; quanto à construção das subjetividades que legitimam o pertencimento e as práticas culturais desses grupos, hoje, muito próximos das formas culturais de massa e dos imperativos comerciais. Pretende enfatizar, ainda, essas afiliações identitárias mantêm-se como importante campo de pesquisa das culturas juvenis.

Palavras-chave: Subcultura; culturas juvenis; consumo cultural; identidade

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas

² Jornalista, doutoranda de Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisadora da linha Estética e Cultura Midiática



Introdução

A massificação das formas culturais na sociedade contemporânea, entre tantas outras conseqüências, vem colocando em xeque as formulações que situam em campos distintos as culturas ditas marginais, aquelas postas à margem do sistema social institucional, e as expressões culturais hegemônicas. Mas é importante perceber que essa quebra de hierarquias não invalida as estratégias de articulação identitárias que estão na base das afiliações subculturais. É na afirmação desses laços de identidade, muitas vezes através de ‘táticas de choque’ como o confronto e a violência; outras tantas através de uma aparente ‘adesão’ aos códigos de valores estabelecidos, que esses grupos encontram o canal de expressão que lhes garante a sua existência no espaço público, com a mediação da indústria globalizada da informação. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que forjam espaços comunitários orgânicos, opondo-se a individualização e atomização da sociedade pós-moderna - o lugar para “ser diferente em conjunto” (Haenfler, 2004: 415) -, também permitindo aos indivíduos construir individualmente suas subjetividades e significados, as subculturas rompem as fronteiras da exclusão para ganhar visibilidade pelas lentes da globalização, legitimando novas formas de atuação social.

A genealogia das subculturas encontra abrigo na pesquisa científica como disciplina voltada à interpretação das atuações dos sujeitos que se distinguem mas se relacionam com a cultura dominante (Blackman, 2005). Tem início na Escola de Chicago, que lançou as bases da etnografia urbana norte-americana, na primeira metade do século 20, impulsionada pelas pesquisas sociológicas em torno da delinqüência juvenil, usando o conceito de subcultura para trabalhar com grupos juvenis conformados na exclusão social, com sistema próprio de valores e códigos de conduta (Parsons e Merton, 1950) - já então, o termo é usado para descrever formas de solidariedades que contrastam com as normas e valores da sociedade hegemônica. A Escola de Chicago construiu mapas etnográficos dos territórios da cidade no intuito de explicar os contextos sociais e culturais dos ‘desvios’ comportamentais dos jovens sem reduzi-los aos sintomas da inadequação psicológica.

Principal teórico da Escola de Chicago, Robert K. Merton se lançou ao desafio de revisar a teoria funcionalista de Parsons, de quem foi aluno e admirador, apresentando em 1938 o primeiro modelo da sua teoria dos desvios, e em 1957, uma versão ampliada



e revista. A grande contribuição deste autor vem do argumento de que os desvios são resultado da interação entre cultura e estrutura social, indo de encontro à sociologia funcionalista então dominante na América (Blackman, 2005). Merton introduziu a idéia de ‘significados e objetivos’ em um modelo teórico que buscava explicar os desvios como uma ‘solução’ para os grupos que não possuíam valores sociais constituídos, visando recompensas material e cultural. Foi um funcionalista, no entanto - A.K.Cohen, em *Delinquent Boys: The Culture of the Gang* (1956) -, quem popularizou no universo acadêmico norte-americano o termo subcultura a partir de sua análise da delinquência juvenil³, através da qual explicava os desvios coletivos com base na teoria freudiana das ‘formações de reação’.

Na Europa, dois psicólogos produziram trabalhos cruciais para o desenvolvimento da teoria subcultural britânica na primeira metade do século 20: Cyril Burt (*The Young Delinquent*, 1925) e John Bowlby (*Forty Four Juvenile Thieves*, 1946). Enquanto Burt desenvolveu teorias biológicas do desvio comportamental baseado em Darwin; Bowlby avançou com a teoria psicanalítica que iria fundamentar novas pesquisas centradas no princípio da ‘socialização inadequada’ para explicar as subculturas. Para este autor, os efeitos emocionais da carência materna nos primeiros anos da infância, explicaria a delinquência juvenil (*Childcare and the Growth of Love*, 1953); modelo teórico que durante o período serviu de base para os estudos das subculturas produzidas pelos filhos da classe operária inglesa, e logo tornado ortodoxo.

Em ensaio crítico sobre a teoria subcultural, Shane Blackman (2005) explica que essa abordagem psicanalítica à delinquência juvenil do pós-guerra reverbera a tradição positivista de Lombroso⁴. Ao longo da década de 50, uma série de estudos sobre a juventude pobre inglesa relaciona as formações subculturais às privações emocionais e intelectuais dos sujeitos, cristalizada na inadequação dos jovens da classe operária para se integrar à sociedade; inclusive lançando mão da metáfora animal e da oposição saúde-doença para descrever os jovens subculturalistas (Bagot, 1941; Fergusson, 1952; Spinley, 1953; Jephcott, 1954; Mays, 1954; Morris 1957; Kerr, 1958; e Trasler, 1962). A crítica a esse modelo teórico começa a ser articulada na década de 60 (Downes, 1966;

³ Muitos autores divergem quanto o momento em que o termo subcultura foi usado pela primeira vez para descrever as sensibilidades distintas da juventude, embora atualmente seja dada como certo o pioneirismo de Cohen (Blackman, 2004); Bennett e Kahn-Harris lembram, citando Tolson (1997), que embora sem utilizá-la nesses termos, a teoria subcultural já está presente no trabalho de Henry Mayhew, filantropista do século 19 cuja pesquisa sobre a pobreza londrina contribuiu para uma nova consciência pública sobre a natureza e origem da pobreza nas áreas urbanas.

⁴ A interpretação psicológica de Cesare Lombroso para os desvios de comportamento sugeria a existência de uma ‘personalidade criminal’ (Sapsford, 1981) .



Phil Cohen, 1972), sob o argumento de que esses pesquisadores estão usando as subculturas em associação com a teoria psicanalítica da privação para erigir uma grande teoria da inadequação social como origem da delinquência juvenil - o que não os difere muito de autores norte-americanos como A.K.Cohen.

A macro-perspectiva do CCCS

O argumento de Phil Cohen sobre a necessidade de se dissociar as subculturas das patologias - as subculturas da delinquência -, baseado na idéia binária de 'relações imaginárias' e 'soluções mágicas', que ele fundamentou a partir da leitura althusseriana do conceito de imaginário de Lacan e do conceito de mito de Levi-Strauss (Cohen, 1972, 1977); serviu de alicerce conceitual para os pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, Inglaterra, que desenvolveram a teoria que influenciou e que ainda serve de paradigma aos estudos atuais da subcultura. Debruçados, já a partir de 1964, sobre a análise das múltiplas identidades subculturais em sua relação com a cultura paterna e a cultura de massa, no contexto da experiência de classe, os pesquisadores reunidos no CCCS tinham como referência o trabalho desenvolvido por Cohen, que utilizou a teoria de ideologia de Louis Althusser – uma força real e inconsciente que seduz o sujeito através de determinações não reveladas -, rearticulando a teoria de mito de Levi-Strauss (1962, 1966) para explicar como as subculturas resolviam 'magicamente' as contradições sociais através de múltiplas narrativas de bricolagem em forma de estilos, símbolos e rituais (Blackman, 2005).

O CCCS sistematizou o estudo das práticas culturais juvenis como campo acadêmico utilizando a idéia de resistência através de rituais (título de obra seminal de Hall e Jefferson, *Resistance Through Rituals*, 1976). Os estilos passaram a serem lidos como textos e cada subcultura passou a ser interpretada a partir da construção de sentidos que empreendem como força coletiva, com base em sua condição de subordinação. Estavam em foco subculturas como *teddy boys*, *mods*, *skinheads*, *punks*, *rastas*, *rockers*, *ruddies*... Em *Subculture: The Meaning of Style* (1979), Dick Hebdige – autor que, junto com Paul Willis (1978) e Angela McRobbie (1979), está alinhado à teoria pós-CCCS - desenvolve estudo-chave das culturas juvenis através de uma sofisticada leitura semiótica das estratégias de resistência dos punks. Baseado em Barthes e Eco, ele utiliza o conceito antropológico de bricolagem (Lèvi-Strauss, 1969),



para ressaltar o alcance desse sistema de conexões, apontando a maneira como as subculturas criam um novo discurso a partir da apropriação de signos já estabelecidos.

Para os autores ligados ao Centre For Contemporary Cultural Studies, as subculturas são produzidas necessariamente por jovens pobres – um dos primeiros alvos da crítica pós-subculturalista – por isso, devem ser interpretadas como expressão cultural e simbólica de uma determinada classe social. Andy Bennett (2006) ressalta que a teoria subcultural do CCCS foi produzida em um contexto ideológico. Estruturava-se nas teorias marxistas e neo-marxistas de conflitos de classe e lutas anti-hegemônicas, abrindo uma perspectiva conceitual para se estudar a evolução das questões juvenis no contexto do capitalismo tardio. Este autor lembra, ainda, que a partir do final da década de 70, os pesquisadores passaram a interpretar a música popular e seus estilos visuais como uma poderosa força política na sociedade contemporânea; perspectiva que só veio a ser relativizada no final dos anos 80 e início dos 90.

Apesar da enorme contribuição da teoria subcultural do CCCS e dos seus revisores, deve-se ter em mente que ela está situada no espaço-tempo do pós-guerra, no contexto político de uma época, quando questões de gênero ou etnia, por exemplo, estavam fora do foco de interesse dos pesquisadores – em *Girls and Subcultures* (1976), MacRobbie e Garber criticam a resistência do Centre em ignorar a esfera da vida doméstica e familiar como campo de pesquisa. Mattelart e Neveu (2004) ratificam esse posicionamento do CCCS afirmando que a análise das subculturas empreendida por esses teóricos visava compreender os desafios políticos lançados aos seus agentes no contexto da época:

... Numerosos textos se fixam na maneira como as autoridades sociais intervêm nas subculturas para estigmatizar os comportamentos e seus autores. O caráter desviante não deriva de seus componentes objetivos (cabelos longos, piercings), mas da ação das instituições que os definem como indesejáveis. O “pânico moral” que, em meados dos anos 1960, transforma as disputas entre *mods* e *rockers* nas praias de Kent em sintoma de uma crise da juventude e da autoridade é um exemplo disso. (Mattelart; Neveu, 2004, p.66)

Assim como muitos outros, estes autores questionam o valor subversivo atribuído as subculturas, afirmando que se deveria questionar, mais modestamente, se elas fazem uma leitura crítica latente dos valores constituídos, ou se, ao contrário, “não passam de incoseqüentes passatempos que o capitalismo autoriza fora do tempo e da



escola” (Ibidem). Reflexões dessa natureza impulsionam as pesquisas dos chamados teóricos pos-subculturalistas, que se lançam à revisão dos pressupostos teóricos do CCCS, reduzindo a força política do conceito e relativizando seus rituais de resistência para reintegrá-lo à sociedade de consumo, com sua profusão de práticas culturais (Gelder e Thornton, 1997; Bennett, 1999; Haenfler, 2004).

Novos contextos

A percepção de um ‘alinhamento’ das subculturas com o alternativo no lugar do oposicional, a partir da sua participação na economia globalizada (Clarke e Jefferson, 1976), tem como pano de fundo as drásticas mudanças políticas e econômicas que marcaram a década de 1980 na Inglaterra e no mundo. O ‘fim da cultura juvenil’, decretado por autores como Frith (1984) e Young (1985), estaria atrelado à geração Thatcher, não mais identificada como rebelde. A virada conservadora que garantiu mais 10 anos de comando político a Margareth Thatcher e sua política de privatizações e desregulamentações, somados aos efeitos da globalização crescente sobre a taxa de empregos, produziu o que Blackman chama de “*à dangerous folk devils*” (2005, p.6), referindo-se aos adeptos da então emergente acid house, que impulsionou e diversificou a subcultura das *raves*. Foi com a profusão de estilos, modas e comportamentos que emergiram com a cultura *clubber*, no final dos anos 80 e ao longo dos 90, que a teoria pós-subculturalista encontrou terreno fértil de pesquisa.

Para os autores alinhados a esta teoria, as solidariedades subculturais não são necessariamente progressistas ou ‘resistentes’, embora elas continuem reagindo contra as pressões homogenizantes da sociedade de massa. Esses pesquisadores se lançam ao desafio de compreender as formas pós-modernas de socialidade⁵; o que significa dizer que eles estão menos dispostos a enaltecer as ‘maravilhas’ das subculturas e mais determinados a tratá-las como um sintoma da natureza fragmentada e fraturada da vida contemporânea (Gelder, 2005). Para esses autores, a teoria subcultural do CCCS superestima o potencial criativo das subculturas e desconsidera outros aspectos da vida cotidiana, posicionando erradamente as subculturas em oposição às formas culturais de massa e os imperativos comerciais (Clarke, 1981).

⁵ Maffesoli utiliza a expressão socialidade em oposição à sociabilidade, sendo a primeira usada para definir relações pontuais, superficiais e afetivas, e a segunda empregada na definição de relações estáveis, duradouras, familiares (2002).

Percebe-se em autores como Hebdige uma crítica a assimilação das subculturas pela cultura *mainstream*, resultando na distorção intencional do seu significado e na impossibilidade de distinção entre exploração comercial e originalidade/criatividade categoriais, para o autor, enfaticamente opostas no sistema de valores das subculturas. Para ele, os subculturalistas são inovadores, enquanto os consumidores dos bens culturais massivos são imitadores.

[Tão logo as inovações originais da subcultura são transformadas em mercadoria e colocadas à disposição, elas se tornam congeladas. Uma vez removidas dos seus próprios contextos por pequenos negociantes e grandes intérpretes que produzem moda numa escala de massa, elas são codificadas, assimiladas, tornadas de uma vez por todas propriedade pública e negócio lucrativo]. (Hebdige, 1979, p.84)

Contra esse tipo de argumentação essencialista, os pós-subculturalistas constroem uma perspectiva teórica baseada na idéia de que as subculturas são difusas, diluídas e possuem formas misturadas (Gelder, 2005); enfatizam a necessidade de se observar ‘o status’ de determinadas posições no interior das subculturas capazes de influenciar e gerar formas de ação coletiva, permitindo às culturas juvenis aderirem ou resistirem à autoridade instituída (Blackman, 2005).

Esses autores utilizam como lastro as teorias sociais de Max Weber, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli, usadas em combinação como argumento contra a “ortodoxia teórica” do CCCS, e com a finalidade de consolidar novos termos em substituição a subcultura – neo-tribo, pós-subcultura, estilo de vida, cena ... (Nennett, 1999; Muggleton, 2000; Harris, 2000; Shank, 1994; Straw, 1991) -, capazes de melhor apreender a complexidade das formações subculturais na sociedade contemporânea. Os teóricos colocam em xeque a capacidade do termo subcultura apreender a cultura juvenil ‘em ação’, em suas relações sociais internas e externas, uma vez que esta categorização além de homogeneizar suas práticas, falharia ao não perceber variações locais. A idéia de “[...cena parece capaz de evocar simultaneamente a intimidade de uma comunidade e o cosmopolitismo fluido da vida urbana]” (Straw, 1991: p.7). Nesta teoria, as questões de classe não são determinantes, constituindo-se mais um fator crucial entre tantos outros.

Jock Young produz trabalho de grande influência para os autores pós-subculturalistas – *The Drugtakers*, 1971 - no qual aponta a expansão do consumo de drogas em todos os extratos sociais, gerando o que ele chama de uma inversão de



papéis: o indivíduo equilibrado é agora o desviante (1971, p: 149). Young ressalta a capacidade do capitalismo produzir valores normativos, por um lado, e subterrâneos por outro. Trabalha sob influência das teorias de Marx, Freud e Marcuse; e ainda de textos de Huxley e Huizinga (Gelder, 2005). Este último, publicou em 1938 *A Study of the Play Element in Culture*, obra de grande influência contracultural sobre o papel do jogo na sociedade. Para ele, o jogo se difere do lazer, porque este teria uma função normativa; aqui, o jogo se libera do normativo, abrindo um universo hedonístico mas ainda assim autêntico para os jogadores:

Following Marx, Young suggests that normative values (underwriting work and leisure) alienate people from their true selves. But play allows a genuine expression of human yearning and creates a seductive alternative to modern capitalistic realities. Importantly, its domain is both social and ideological: 'subterranean values' are shared by groups (the 'bohemian young, for example) and reflect their world view (Gelder, 2005, p. 145)

Ken Gelder ressalta o caráter romântico da abordagem de Young, admitindo que os estudos subculturais podem ser românticos ou anti-românticos - dependendo do caso -, e apontando a influência deste autor sobre teóricos pós-subculturalistas como Iain Borden e Ben Malbon. Trata-se de um posicionamento que se contrapõe radicalmente, por exemplo, ao de Sarah Thornton, influente autora pós-subculturalista, em seu estudo sobre a cultura *clubber*, a partir do qual desenvolve o conceito de capital subcultural (1995). Partindo da idéia de capital cultural de Bourdieu e sob a influência de Max Weber – autor-referência na revisão da teoria subcultural -, Thornton argumenta que a cultura *clubber* é a 'cultura dos gostos' e que o status de ser *clubber* é o próprio capital subcultural – algo relacionado ao estilo, à moda e ao conhecimento adquirido nesse circuito. A cena subcultural trabalhada por esta autora é mais lazer do que jogo; não há nenhum apelo romântico nessa subcultura. Seu trabalho volta-se às subculturas como comunidades ideológicas – a maneira como elas se imaginam e sua relação com os outros - e à relação das subculturas com a mídia que, segundo a autora, define e intensifica as distinções subculturais tanto internamente (através do que chama de micro-mídias) quanto externamente (Thornton, 1995).

A teoria subcultural do CCCS está sob o foco da crítica pós-subculturalista em vários terrenos. Autores como Gary Clarke (*Defending ski-jumpers*, 1982), que questiona o valor da decodificação dos estilos de determinadas tribos urbanas; Steve



Redhead (1995), para quem as subculturas são ‘uma fantasia acadêmica’ (1997, p. x); e Rob Shields (1996), que evoca a perspectiva weberiana de observação do significado das interações sociais para os participantes de uma determinada tribo (nos termos definidos por Maffesoli); buscam construir um novo cânone teórico (Blackman, 2005). O que a maioria desses pesquisadores explora é a noção de simulacro de Baudrillard, segundo a qual existe uma geração de modelos sem origem na realidade: a geração hiper real (Baudrillard, 1983). Redhead proclama que não existe subcultura autêntica, e que o modelo teórico até então adotado não é mais apropriado para analisar a cultura pós-moderna, caracterizada pela falta de profundidade e pela hiper realidade (Redhead, 1993) Para ele, o significado das subculturas é flutuante e serve para valorizar as diferenciações da experiência individual.

Abordagem também explorada por pesquisadores como Melechi (1993) e Rietveld (1988; 1993), em estudos sobre a acid house e o consumo de drogas, através do qual afirmam que subcultura é escape; Muggleton (1997), observando os punks e mods e afirmando que as ‘pós-subculturas’ estão preocupadas com a auto-afirmação (2000); e ainda Miles (1995), Malbon (1998) e Bennett (2000). Para estes autores, as subculturas reagem criativamente através do consumo e da identidade a fim de construir significados liberados da subordinação. Mas a ênfase aqui se move dos modelos sociais para a agência em busca do significado individual nas práticas subculturais (Blackman, 2005).

Na encruzilhada

A construção de uma genealogia da teoria das subculturas apresentada com brevidade neste artigo, evidencia a importância de fazer dialogarem as diversas matrizes conceituais através das quais as culturas juvenis vêm sendo estudadas; colocando-as em xeque sempre que o objeto de pesquisa apontar para outras direções. Pode-se afirmar, por exemplo, que o ponto mais frágil da argumentação pós-subculturalista é a excessiva valorização da autonomia dos indivíduos para imaginariamente se reapropriarem das mercadorias globalizadas visando a sua emancipação. Perspectiva que despreza as estruturas sociais na análise sociológica das subculturas, promovendo um entendimento individualista dos fenômenos sociais (Cieslik, 2001), Hollands (2002), Blackman (2004). “The new emphasis on the individual and pleasure fails to give young people rights, agency or critically recognize the structures and institutions that seek to impose



marginal status on the young” (Blackman, 2004: 10). Mas há que se reconhecer que a expansão das formas culturais e a fragmentação das afiliações identitárias dificulta as divisões e distinções subculturais em função de categorias sociais. O exemplo das *raves* e a profusão de estilos subculturais aparentemente antagônicos que condensa em um mesmo espaço (Redhead, 1993), independente de classe, gênero ou raça, ilustra bem esta transformação. Se é fato o peso da carga simbólica da exclusão social observada na pós-modernidade – que pode ser lida como texto nos estilos das subculturas periféricas – , também é fato que a partilha de valores e identidades na contemporaneidade – gostos musicais, por exemplo – desfaz distinções criando grupos com expectativas musicais e definições simbólicas comuns (Lewis, 1992).

A proliferação de práticas culturais e estilos juvenis, que levou a fragmentação, aos *revivals*, aos hibridismos, às transformações e à co-existência simultânea de uma miríade de estilos, sobretudo nas duas últimas décadas (Muggleton, 2004), evidencia a necessidade de se complexificar a análise das subculturas. Esforço empreendido por autores como Miles (2000) e Bennett (2000), que utilizam a idéia de estilo de vida em substituição ao conceito de subcultura, enfatizando as práticas culturais locais nas quais as culturas juvenis funcionam como estratégias de incorporação de novos e diferentes significados para as mercadorias globalizadas – esses autores reconhecem o potencial emancipatório do consumo ‘crítico’ da juventude, que serve de base para a “[estabilidade em um mundo instável]” - Milles, 2000: 10); e ainda por Muggleton (2000), Malbon (1999) e Bennett (2000) quando reinterpretem o conceito de neo-tribo de Maffesoli⁶, optando pelo relativismo como uma “[força desestabilizadora da pretensão universalista]” (Maffesoli, 1996: p 51) na observação dessas formações grupais.

Da mesma forma, o caminho trilhado por Martin (2004), que afirma que as subculturas não podem mais serem vistas como ‘entidades’ definidas e integradas, mas como formas de representação simbólica das atuações dos sujeitos⁷, parece apropriada a demanda por uma abordagem às subculturas que não seja rígida ou arbitrária. Este autor parte do conceito de ‘entidades coletivas’ de Weber - que descreve as ações sociais

⁶ Maffesoli enfatiza o crescimento da instabilidade e fluidez das relações sociais na sociedade contemporâneo, ressaltando que as neo-tribos operam com formas de organização menos rígidas e que estão mais relacionadas a ambiência e estilos de vida (1996).

⁷ Perspectiva baseada no interacionismo simbólico, que associa o sistema de valores das subculturas à sua localização no espaço social e a experiência dos seus participantes; para os interacionistas, a sociedade moderna urbana é constituída de uma enorme variedade de grupos com estilos de vida e valores diferentes que lutam por vantagens grupais e individuais (Martin, 2004: 25)



ênfatizando a natureza colaborativa subjetiva dos indivíduos – para ressaltar a necessidade da desconstrução dos conceitos sociológicos de coletividade (não mais uma entidade orgânica) e enfatizar a construção dos significados (subjetividades) pelos sujeitos. Nesta perspectiva, 1) as subculturas passam a ser compreendidas como representações simbólicas de determinadas relações e práticas sociais, que enfatizam alguns aspectos em detrimento de outros – é através desses grupos que o indivíduo pode experimentar o senso de inclusão ou exclusão, e um correspondente senso de identidade; 2) deve-se reconhecer que o processo de representação ocorre através das práticas dos indivíduos em um campo social ‘real’ e de relacionamentos de influências mútuas:

“[A experiência do senso de identidade ou pertencimento, por exemplo, deve ser compreendida como um ativo processo de colaboração no qual os indivíduos participam com outros na criação e manutenção do senso de si mesmo e dos outros, engajados em determinadas atividades que podem freqüentemente ter uma característica ritual”] (Martin, 2004: 33)

A complexificação das afiliações identitárias acompanha a transformação de uma sociedade marcada pela co-existência de referenciais: o global e o local; o consumo cultural e o desejo de diferenciação/emancipação; a força coletiva e o triunfo do individualismo; a resistência e a inserção. Fatores que reforçam a imprecisão conceitual do termo subcultura quando aplicado ao real do cotidiano. Como definir hoje uma expressão essencialmente subcultural? Manutenção de territorialidades, auto-segregação? Manutenção de narrativas sociais (a *“history from below”*) ? Negação ao consumo e ao *establishment*? Ou seriam estas questões superadas pela dinâmica cultural contemporânea? O que acontece quando o subcultural é pensado sob a ótica da globalização? Martin Roberts, falando sobre o underground global, dimensiona toda a ambivalência do termo: “[Como podemos teorizar sobre a ‘indústria’ subcultural, sobre a lógica subcultural do capitalismo tardio,... ou sobre a economia subcultural global?]” (2004:575).

Considerações finais

A revisão bibliográfica empreendida neste artigo cristaliza a inter-relação entre a teoria e sua época – a construção permanente de um conceito -, o que não significa



necessariamente o seu *envelhecimento* ou superação, como querem tantos autores revisionistas. É certo que o terreno cultural pós-moderno, fragmentado e mutante impõe reconsiderações sistemáticas, mas não é prudente fechar os olhos, por exemplo, à abordagem das subculturas empreendida pelo CCCS, e aos aspectos da vida social que ainda hoje ela explica (Carrington e Wilson, 2004) - em alguns casos, é imprescindível introduzir questões sociais na análise das formações juvenis e construções identitárias contemporâneas. Talvez seja prudente atentar para os argumentos dos autores que defendem a reformulação do vocabulário conceitual no estudo das subculturas, em decorrência do fato de o 'ídioma' cultural ter invadido a vida cotidiana – impulsionado pela abundância de representações e significados propagados pela mídia –, não existindo, assim, mais distinções entre subculturas e a cultura dominante, diluída por uma pluralidade de estilos de vida, sensibilidades e preferências (Chaney, 2004). Mas que esta perspectiva sirva apenas para amplificar o escopo de observação dos pesquisadores.

Ainda que a inadequação do termo subcultura possa ser reivindicada como legítima, é exatamente a sua ambivalência e plasticidade – independente da nomenclatura que assuma – que permite uma abordagem mais adequada das distinções identitárias de determinados grupos sociais na contemporaneidade. É atentando para as singularidades dessas formações culturais, situadas em um espaço-tempo, que o pesquisador saberá de que maneira essas diversas matrizes teóricas e metodológicas das subculturas (e outras que possivelmente surgirão) poderão ajudá-lo a enxergar melhor o seu objeto. O que está em jogo é o entendimento dos percursos através dos quais os sujeitos mediam e articulam seus significados na vida cotidiana, apesar – ou talvez em função - dos conflitos e mudanças sociais que marcam a sociedade contemporânea. O importante é buscar novos *insights* na compreensão da maneira pela qual as identidades subculturais são produzidas e mantidas, e como novas afiliações são criadas e substituídas, com a velocidade do nosso tempo.



Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith. **After Subcultures - Critical studies in Contemporary youth culture**. London: Palgrave Macmillan, 2004.

-----, **Punk's not Dead: The Continuing significance of punk rock for an older generation of fans**. London: BSA Publications Ltda, 2006.

BLACKMAN, Shane. **Youth Subcultural Theory: A critical engagement with the concept, its origins and politics, from the Chicago Scholl to postmodernism**. In: Journal of Youth Studies, vol 8, nº 1. Routledge Taylor & Francis Group, 2005.

BOURDI

EU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003.

CHANEY, David. **Fragmented Culture and Subcultures**. In BENNETT e KAHN-HARRIS, *After Subcultures: Critical studies in Contemporary youth culture*. London: Palgrave Macmillan, 2004.

CLARKE, Gary. **Defending Ski-Jumpers: A critique of theories of youth cultures [1981]**. In: GELDER, Ken. *The Subcultures Reader*. 3ª ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

COHEN, Phil. **Subcultural Conflict and Working-Class Community [1972]**. In: GELDER, Ken. *The Subcultures Reader*. 3ª ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

FRITH, Simon. **Performing Rites: on the value of popular music**. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GELDER, Ken. **The Subcultures Reader**. 3ª ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

HAENFLER, Ross. **Rethinking Subcultural Resistance**. In: Journal of Contemporary Ethnography, vol 33, nº 4. Sage Publication, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1999.

HERBDIGE, Dick. **Subculture: The Meaning of Style**. London: Methuen, 1979.

MACROBBIE, Angela, GARBER, Jenny. **Girls and Subcultures [1979]**. In: GELDER, Ken. *The Subcultures Reader*. 3ª ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

MALBON, Ben. **Clubbing: Dancing, Ecstasy na Vitality**. London: Routledge, 1999.

MARTIN, Peter J. **Culture, Subculture and Social Organization**. In BENNETT e KAHN-HARRIS, *After Subcultures: Critical studies in Contemporary youth culture*. London: Palgrave Macmillan, 2004.



MATTELART, Armand, NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MERTON, R.K. **Social Theory and Social Structure**. London: Collier-Macmillan, 1957.

MUGGLETON, D. *Inside Subculture: the postmodern meaning of style*. Oxford, UK: Berg, 2000.

REDHEAD, S. **Unpopular Cultures**. Manchester: Manchester University Press, 1995.

STAHL, Geoff. **Setting the Scenes in Montreal**. In BENNETT e KAHN-HARRIS, **After Subcultures: Critical studies in Contemporary youth culture**. London: Palgrave Macmillan, 2004.

STRAW, Will. **Systems of Articulations, Logics of Chance: Scenes and Communities in Popular Music**. In: *Cultural Studies*, vol 5, nº 3, 1991.

----- **Communities and Scenes in Popular Music** [1991]. In GELDER, Ken. *The Subcultures Reader*. 3ª ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

THORNTON, Sarah. **The Social Logic of Subcultural Capital** [1995]. In: GELDER, Ken. *The Subcultures Reader*. 3 ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

YOUNG, Jock. **The Subterranean World of Play** [1971]. In GELDER, Ken. *The Subcultures Reader*. 3ª ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005.